



ESUD NATAL
RN
2021



CULTURA DIGITAL CRÍTICA: ALGUNS PENSARES SOBRE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS NO CONTEMPORÂNEO

Rosana Abutakka Vasconcelos dos Anjos (rosanaanjos@ufmt.br, PPGE/UFMT)

Katia Morosov Alonso (katia.ufmt@gmail.com, PPGE/UFMT)

RESUMO. O uso intenso das tecnologias e o consumo de serviços na internet se institui como prática cotidiana pela sociedade contemporânea e, mais especificamente, pela educação. No entanto, é perceptível que a utilização desses artefatos ocorre de maneira induzida ou mesmo desapercibida, sem discernimento dos serviços consumidos nas gigantes plataformas digitais. Assim sendo, a inserção na temática da cultura digital crítica advém do resultado de pesquisas realizadas em um estudo doutoral, e se baseia nos princípios teórico-metodológicos da revisão de literatura. Neste texto ensaiamos nosso posicionamento sobre a importância da educação instituída oportunizar uma formação para o uso crítico das tecnologias, na perspectiva de proclamar e praticar-se o que nominamos de uma cultura digital crítica.

Palavras-chave: Cultura Digital Crítica. Educação. Tecnologias.

ABSTRACT. Critical Digital Culture: some thoughts about contemporary education and technologies. The intense use of technologies and the consumption of services on the internet is established as a daily practice by contemporary society and, more specifically, by education. However, it is noticeable that the use of these artifacts occurs in an induced or even unnoticed way, without discerning the services consumed in the giant digital platforms. Therefore, the insertion in the theme of critical digital culture comes from the results of research carried out in a doctoral study, and is based on the theoretical-methodological principles of the literature review. In this text, we rehearse our position on the importance of instituted education providing opportunities for training in the critical use of technologies, from the perspective of proclaiming and practicing what we call a critical digital culture.

Keywords: Critical Digital Culture. Education. Technologies.

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, as tecnologias advogam para que compreendamos a cultura pela égide do digital, afinal, praticamos essa cultura diariamente ao utilizarmos nossos dispositivos, por vezes conectados pela grande rede *world wide web* (www). Com isso, a própria lógica das relações humanas em sociedade passa e ser repensada, tendo em vista a incorporação das tecnologias em nosso cotidiano e em nossas práticas sociais, o que provém novos rearranjos na sociedade, como também demarcam uma manifestação da cultura digital.

Sobre essa tônica, Lemos (2015) chama a atenção para os aspectos das relações e conexões principiadas por práticas sociais emergentes com as tecnologias e que nos colocam em meio a uma cultura da conexão generalizada, engendrando novas formas de mobilidade social e de apropriação do espaço urbano.

Com isso, não só convivemos em um contexto tecnológico, como consumimos de maneira acentuada produtos e serviços oriundos da grande rede digital. No entanto, o uso de diferentes artefatos tecnológicos conectados à internet, como smartphones, tabletes ou notebooks, mesmo que possam facilitar a nossa comunicação e interação, não nos asseguram condições de discernimento crítico e reflexivo das informações que deles provem. Ainda que esse conjunto de dispositivos e sistemas se fazem presentes constantemente em nossas vidas e estão quase que frequentemente em nossas mãos, se faz importante compreendê-los numa perspectiva relacional com a sociedade.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo, apresentar a temática da cultura digital crítica, que se pauta nas discussões originárias da cultura digital e tem como princípio prover uma leitura crítica do cenário tecnológico e das relações em sociedade, como forma de se principiar o uso mais reflexivo das tecnologias.

Para tal, tem como aporte metodológico a revisão de literatura de obras e autores relevantes que se ocupam de temas como da cultura, cultura digital e ciberespaço, teoria crítica das tecnologias e filosofia da tecnologia. Importa ressaltar que, esse trabalho se institui como parte do resultado de uma pesquisa de doutorado em educação, concluída no ano de 2021, e que teve como tema central a cultura digital e as aprendizagens de estudantes de nível superior.

Com base no levantamento das literaturas e análises realizadas, foi possível considerar a ideação da temática 'cultura digital crítica', que se pauta em examinar criticamente o cenário tecnológico atual como forma de compreender as maneiras pelas quais os recursos tecnológicos estão inter-relacionados com o nosso cotidiano, sociedade e instituições. Assim sendo, tem como aposta que o nascedouro dessa politização digital possa emergir dos espaços das escolas e das universidades, na crença de que o processo educativo viabilize uma tomada de consciência da conjuntura digital em que estamos imbricados e enredados.

2. DA CULTURA À CULTURA DIGITAL

No transcurso da pesquisa, se fez necessário trazer à tona a compreensão de alguns temas, como a cultura e a cultura digital, de modo a visualizá-los como dimensões integradas para se pensar as tecnologias digitais por um viés crítico. Assim, é oportuno evidenciar neste texto recortes conceituais que nos possibilitaram entender o processo constitutivo da temática da cultura digital crítica.

Dentro da complexidade de discorrer sobre cultura, é possível tecer apreensões a partir de Eagleton (2013), que a compreende pelo trajeto e movimento histórico, isto é, uma conceituação com base nas evidências proporcionadas pela pesquisa histórica de relações sobre a produção material da vida. Sem apresentar uma definição fechada de cultura, o teórico nos oferece um horizonte aberto desse tema, sendo a cultura todo o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico. Portanto, é tudo aquilo que não é geneticamente transmissível. “A cultura não é apenas o que vivemos. É também, em grande medida, para o que vivemos” (EAGLETON, 2013, p. 123, tradução nossa).

À luz de Bauman (2012, p. 300-301), “a cultura é conhecida pela sua inexorável ambiguidade de conceitos”, no entanto é a única faceta da vida e da condição humana em que o conhecimento da realidade e o interesse humano pelo autoaperfeiçoamento e pela realização se fundem em um só. Por conseguinte, essa busca pela realização humana faz com que a cultura seja apercebida basicamente não em preservar-se, mas em mudar. O autor considera que o conhecimento cultural é audacioso, em vez de acreditar com ingenuidade no que está posto, “a cultura questiona constantemente a sabedoria, a serenidade e a autoridade, que o real atribui a si mesmo, portanto a cultura é inimiga natural da alienação” (BAUMAN, 2012, p. 300-301). O que implica pensar na cultura crítica, a qual possibilita as mudanças culturais por ações e relações humanas cunhadas na participação e intervenção crítica do que está posto e exposto.

Ainda que haja demais apreensões de cultura, por um viés antropológico ou humanístico, e que ela seja interpretada por diferentes autores em distintas épocas históricas, é oportuno afirmar que este texto comunga do pensamento de Bauman (2012) e toma por compreensão que a cultura emana da ação humana sobre o mundo e das mudanças advindas dessa ação, ela se constitui pelas mediações ocorridas entre os seres humanos em interseção com seu meio ambiente.

Sendo assim, longe de ser a arte da adaptação, “a cultura é a mais audaciosa tentativa para que o ser humano se liberte da necessidade e conquiste a liberdade”, (BAUMAN, 2012, p. 302). Por conseguinte, a cultura não é estática, mas ela se cria e recria, e nesse movimento, com apoio no pensar-fazer crítico do ser humano, é capaz de transformar e universalizar a sociedade.

No enredamento dessa discussão, é possível avultar o entendimento de cultura digital, pela lente de Gere (2008), a qual não se refere apenas aos efeitos e possibilidades de uma tecnologia particular, mas engloba as formas de pensar e fazer que são incorporadas dentro dessa tecnologia e que tornam possível o seu desenvolvimento.

Ele afirma que a cultura digital tem origem nos discursos técnico-científicos sobre informação e sistemas, utopismo contra cultural, teoria crítica e filosofia, e até mesmo formações subculturais, como a cultura punk. “A cultura digital foi produzida das interações complexas e compromissos dialéticos entre esses elementos” (GERE, 2008, p. 18-19, tradução nossa).

Então, é possível aludir que a cultura digital é um fenômeno histórico. Nesse sentido, Gere (2008) afirma que sua composição emerge primeiro como “uma resposta às exigências do capitalismo moderno, reunidos pelas demandas da guerra de meados do século XX”. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi o evento catalítico do qual a moderna computação binária digital eletrônica surgiu e, no contexto da Guerra Fria (1947-1991), desenvolveu-se para assumir sua forma atual, como usamos e pensamos sobre os computadores e os dispositivos de mídia e comunicação (GERE, 2008, p. 18, tradução nossa).

Com o computador pessoal conectado à grande rede, acreditava-se que essa tecnologia poderia expandir o potencial humano e, mais uma vez, Gere (2008) coloca em evidência que a internet, enquanto paradigma emergente, autorregulador, auto-organizador de estruturas que podem se desenvolver e prosperar sem intervenção do governo, é, na verdade, uma realização material da ideia de mercado como “um fenômeno natural espontâneo que se encontra no coração da economia neoliberal” (GERE, 2008, p. 153, tradução nossa).

Quanto ao exposto, Gere (2008) confirma que estamos chegando a um ponto em que as tecnologias digitais não são mais apenas ferramentas, mas são parte da nossa cultura, para melhor ou pior, daí a necessidade de continuar questionando essa situação, especialmente porque “a própria tecnologia é cada vez mais invisível à medida que se torna parte integrante do próprio tecido de nossa existência” (GERE, 2008, p. 224, tradução nossa).

À vista disso, a cultura digital, na atualidade, está incorporada aos mais diversos campos da sociedade, por intermédio do uso intenso das tecnologias, ela aflora e se incorpora ao nosso cotidiano de modo processual. Pensando assim, há uma necessidade de continuar questionando o cenário digital que vivenciamos.

Por consequência, vimos à frente de uma situação que vai além de entender a ideação da cultura digital, para compreendê-la de agora em diante, ou seja, de que maneira temos que lidar com essa cultura digital numa perspectiva de discernir, opinar, posicionar e recriar novas formas de estar em/na sociedade, ora banhada pelo digital. Disso decorreu um breve ensaio sobre uma expressão nomeado de ‘Cultura Digital Crítica’.

3. CULTURA DIGITAL CRÍTICA – EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

A neutralidade não faz parte dos diferentes recursos tecnológicos que utilizamos, consumimos e internalizamos. Cada dispositivo, imbuído de seus *hardwares* e

softwares, possui uma carga simbólica, que representa a própria organização e estrutura social em seus modos de produção, distribuição e controle.

Se em momentos anteriores, as tecnologias, como os computadores, emergiram para atender às distintas demandas militares, elas passaram a compor e alimentar a própria estrutura do capitalismo. Mesmo com o movimento ávido da contracultura, os diferentes recursos tecnológicos, derivados do computador, tem nos direcionado, no sentido de fazer perpetuar o modelo social estabelecido, haja vista o cardápio padronizado de serviços, dispositivos e mídias digitais a nosso dispor.

A ideia, muitas vezes equivocada, da imparcialidade tecnológica, leva a crer que as tecnologias às quais temos acesso de maneira “gratuita”, como exemplo os serviços da gigante empresa multinacional dos Estados Unidos: Google LLC, pertencente a Alphabet Inc., faz despertar em nós o sentimento de liberdade e autonomia por intermédio da rede digital. Mas na realidade, a razão do lucro capitalista está implicada nessa relação, pela monetização de nossos dados.

Cupani (2016) argumenta que a vida social está organizada sob a égide de uma repressão, uma espécie de condicionamento, que não é percebido como tal e, com isso, seguimos numa ilusão de que as tecnologias representam instrumentos de uma existência livre e mais feliz. O que nos remete a considerar a importância de desnudar a visão ingênua diante as tecnologias, como meros consumidores de objetos e sistemas, para compreendê-las de maneira crítica na sociedade.

Pensar as inferências das tecnologias na sociedade, tem sido pauta de debates e reflexões de alguns teóricos e autores que se debruçam sobre essa temática, quer seja por um viés distópico, no sentido de questionar as falácias implícitas no discurso e no uso das tecnologias, ou por um viés utópico, ao sustentar as potencialidades e benefícios tecnológicos a favor de um conjunto social.

Dentre os distópicos, chama a atenção o que afirma Gere (2008), ao conferir que “as tecnologias, de modo geral, sempre estiveram profundamente enraizadas em uma rede de significado social e cultural, derivada do capitalismo contemporâneo”, e por isso é possível ver como esse capitalismo ofereceu o contexto para que, por exemplo, o computador pudesse desenvolver-se (GERE, 2008, p. 23, tradução nossa).

Para o autor, a esteira do capitalismo possibilitou o fortalecimento de grandes corporações do mercado tecnológico. Ao fabricar e disseminar seus produtos, como os computadores, essas empresas ampliam e fortalecem seus lastros políticos, econômicos e de poder em toda a sociedade, portanto as tecnologias, em grande medida, servem para atender aos interesses do mercado antes dos interesses das pessoas (GERE, 2008).

Nesse sentido, Morozov (2018) expõe que as tecnologias desenvolvidas no Vale do Silício, nas décadas de 1970-1980, como uma expressão da contracultura, na verdade foram erradicadas enquanto artefatos da contracultura e passaram a compor o sistema econômico baseado na propriedade privada de megaempresas que visavam, única e exclusivamente, o lucro e o fortalecimento de seu capital.

Crítico ferrenho das empresas instaladas no Vale do Silício, Morozov (2018) advoga que não basta exercitar uma crítica limitada ao plano das tecnologias e informações, mas se faz necessário compreender a engrenagem do sistema político e econômico que rege a nossa sociedade a nível mundial, pois as tecnologias são advindas desse sistema.

Essa análise e interpretação sugerida pelo autor, situa-se como uma crítica subversiva do sistema em sua totalidade e não somente das tecnologias. É imperativo ampliar o horizonte de análise e interpretação dessas tecnologias no mundo, pois, para Morozov (ibid.), é dessa maneira que teremos condições de nos emanciparmos diante as tecnologias do controle e do lucro.

De forma similar, Postman (1993, p. 13-14, tradução nossa) argumenta que não há como negar que “o computador aumentou o poder de organizações de grande porte, como as forças armadas, companhia aéreas ou bancos, sendo ainda indispensável o uso do computador para realizações de pesquisas em diversas áreas da ciência”. O que não significa que essa mesma tecnologia do computador seja tida como uma vantagem para as massas de pessoas, ou grupos como professores, músicos, dentistas, entre outros.

O autor alerta sobre a alta receptividade às novas tecnologias, em que todos tendem a se entusiasmar com a mudança tecnológica, acreditando que seus benefícios acabarão por se espalharem igualmente por toda a população. Mas na verdade há um mecanismo imbuído nesse mercado, o qual possibilita que assuntos privados se tornem acessíveis a instituições poderosas, uma vez que nossos dados são facilmente rastreados, controlados e reduzidos a meros objetos numéricos (POSTMAN, 1993).

Pela ótica de Bauman (2007), a ampliação de espaços digitais, sustentados pelo desenvolvimento tecnológico, causa intensas transformações sociais que são voláteis e, ao mesmo tempo, profundas, prática que caracteriza uma modernidade líquida e efêmera, em que tudo é passageiro e as pessoas se veem marcadas pelo instantâneo e momentâneo, o que reverbera no enfraquecimento das relações, dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade.

Para além dos aspectos mercadológicos em que as tecnologias se situam, Bauman (2007) salienta sobre o enfraquecimento das relações humanas, que passam a se vigorar de modo acentuado pelo uso das redes sociais, o que representa um modelo clássico do mundo pós-moderno e líquido, um lugar em que as relações de “amizades” são figuradas por um clique, entre aceitar ou excluir. Com isso, o afã tecnológico tende a esgarçar os relacionamentos entre as pessoas e, conseqüentemente, enfraquecer a sociedade enquanto uma unidade de força.

Importa, ainda, lançar luz ao que versa Lipovetsky (2007), sobre o equívoco de considerar que os bens tecnológicos são autossuficientes para resolver as diferentes mazelas de uma sociedade. Sobre a internet e os meios de informação, o autor afirma que sem dúvida, é algo que incentiva os indivíduos a propor novos temas e soluções, apesar disso, não sejamos ingênuos a ponto de supor que apenas a democratização dos meios de informação “possa competir com a natureza dos problemas suscitados pelo futuro da cultura e do pensamento contemporâneo” (LIPOVETSKY, 2007, p.59).

Assim, faz-se necessária a assimilação crítica dos recursos tecnológicos como parte integral do conjunto social e não como meros artefatos de um universo hipermoderno, que se pauta pelo efêmero, pela fugacidade e pelas emergências mundanas, “[...] de uma temporalidade social inédita, marcada pela primazia do aqui-agora” (LIPOVETSKY, 2007, p.51).

Para tanto, Lipovetsky (2007, p. 30) ressalta que “a sociedade hipermoderna cria novas imposições e nos cobra novas posturas diante o presente”, uma vez que estamos na era das mídias e na mediatização da vida e as novas tecnologias geram uma obsessão de interatividade, segundo a qual precisamos estar sempre conectados e o privado e o público se confundem.

Dessas tensões, originárias do momento contemporâneo, o autor coloca em relevo alguns contextos que se configuram, como: o hedonismo ou exaltação exacerbada do prazer, em muitos casos propaladas nas mídias sociais; o surto de individualização, em que cada pessoa procura por sua satisfação e faz emergir uma cultura da subjetividade; e o hiperconsumismo, que é a substituição da não realização plena e pessoal, um paliativo para os desejos não-realizados de cada pessoa, que gera uma “felicidade paradoxal”, mas se esvai no próprio ato de consumo (LIPOVETSKY, 2007).

No segmento dos autores utópicos, em referência ao papel e impacto das tecnologias na sociedade, Serres (2017, p. 27) sustenta que “vivemos um tempo de aceleração, no qual as informações estão disponíveis a um simples toque” e, com isso, os espaços de saberes são revistos e ampliados, sendo as tecnologias elementos de potência para recriar novos cenários on-line e que proporcionem o conhecimento.

Contudo, é oportuno ressaltar que, por mais que as tecnologias possam ampliar tais espaços, como o da internet, para que possamos nos posicionar, aprender, construir saberes em coletividade e por conseguinte nos emanciparmos enquanto cidadãos, não é viável generalizar que o seu acesso é universal, pois dados publicados no ano de 2019, pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)¹, indicam que 28% dos domicílios brasileiros ainda não possuem internet, isto é, seguimos com 20 milhões de residências sem conectividade.

Ainda assim, Serres (2018) advoga que a internet fez diluir os espaços de aprendizagem, no sentido de que as informações estão distribuídas pela rede, acessíveis pelo nosso celular ao utilizarmos os nossos polegares. “Existe uma crescente oferta de saber, num imenso fluxo, por todo lugar e constantemente disponível, a internet se institui como uma arena homogênea e descentrada”, e com isso as tecnologias continuarão crescendo, resta ser mais democrática (SERRES, 2018, p.82).

De maneira equivalente, é pertinente atentar ao que proclama Maffesoli (2015), quando pondera que a pós-modernidade se caracteriza pela “sinergia” do arcaico e do desenvolvimento tecnológico, o que remete ao florescimento das comunidades atuais, virtudes da expansão da internet e da tecnologia. Nesse mote, graças à *web*, às redes comunitárias on-line, aos fóruns de discussão e a outros espaços virtuais, é possível acessar não mais “um outro mundo”, mas sim “um mundo outro”, ou um mundo que diz respeito à dimensão lúdica, onírica, imaginária da existência.

¹ https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf

Distante de uma visão pessimista, o autor crê, então, que o desenvolvimento tecnológico, em particular entre as jovens gerações, estabelece uma inegável vitalidade que se exprime em novos traços de solidariedade e de generosidade. Assim, a *web* favorece antigas formas de hospitalidade, que foram a marca das sociedades pré-modernas (MAFFESOLI, 2015).

Com atributos similares, ao considerar essa rede planetária e as tecnologias que a custeiam, Lévy (1999), destaca a importância da inteligência coletiva, como forma de as pessoas produzirem um pensar conjunto, descentralizado e distribuído e, a partir desse exercício, construir saberes e práticas inteligentes em prol de avanços e melhorias para a sociedade. Assim sendo, todo o arcabouço tecnológico contemporâneo se instaura como um elemento de força, um vetor para que possamos libertar-nos e construir uma verdadeira ecologia cognitiva.

Algo correlato ao que declara Lévy (2014), sobre a formação de uma sociedade em rede, para a qual considera a importância da inteligência coletiva reflexiva, que não somente produz conhecimentos coletivos, mas relaciona e analisa as conexões e informações existentes, similar a um engenhoso ecossistema ou à ecologia da aprendizagem. O ufanismo tecnológico de Lévy (2014) conjectura que, ao aumentar a reflexão, estaremos mais cientes sobre como pensamos, sobre como nos comunicamos, sobre o que fazemos juntos e sobre o que fazemos juntos quando nos comunicamos, o que redundará na potencialização da inteligência coletiva humana no ciberespaço e conseguinte contribuição para desenvolvimento humano em geral.

Essas visões expostas, a partir de revisões de literatura, ainda que com sinuosidades diferenciadas, indicam que, no momento atual, é útil e primordial colocar em curso uma análise da cultura digital. Análise essa que abrange entender melhor sobre os recursos tecnológicos, sistemas e espaços virtuais aos quais temos acesso, como também tentar compreender a engrenagem e encadeamento econômico, político e de poder em que se assenta o mercado tecnológico e suas implicações nas instituições da sociedade.

Diante das perspectivas descritas pelos autores, quer seja ao considerar o caráter utópico ou distópico das tecnologias para a humanidade, o que o momento atual requer é justamente um sentido, um entendimento crítico para lidar com essas conjunturas, em que o digital adentra cada vez mais a estrutura social, em seus múltiplos espaços de pertencimento, suscitando alterações e mudanças nas diversas lógicas de vivência convivência humana.

Para encontrar esse entendimento, é oportuno arriscar que a resposta está nas pessoas e num exercício filosófico que precisa ser realizado, continuamente, como forma de ultrapassar o senso comum do consumo e volatilidade das tecnologias, para uma tomada de consciência, de apropriação dessas tecnologias de maneira discente e com um olhar realmente crítico. O exercício filosófico ao qual se faz referência, não é nada mais que a essência da filosofia em si, a busca pela verdade, a investigação essencial do mundo real, que ultrapassa o senso comum e visa conhecer a natureza, a raiz de uma realidade denotada, isto é, a verdade está além do que vemos, mas no interior do que compreendemos.

Dessa maneira, a confluência das tecnologias com as ciências humanas é fator decisório para uma percepção acurada da cultura atual. Com essa atitude, é válido expressar que, diante a revolução tecnológica, há de ter uma revolução filosófica em fluxo para o pensar crítico da cultura digital.

Analisando assim, é oportuno tomar por base o que declara o filósofo americano Andrew Feenberg, e algumas de suas ideias, que de certa maneira sustentam os entendimentos expressados sobre a cultura digital crítica, ao evidenciar a relevância de adotarmos uma postura política diante das tecnologias, que precisa ser debatida em uma sociedade, “pois a tecnologia não é nem universal, nem neutra relativamente de valores. A tecnologia está carregada de valores, tal como outras instituições que enquadram a nossa existência cotidiana” (FEENBERG, 2018, p. 108).

Revestida de valores, Feenberg (2018) argumenta que o conhecimento atual tem sido mediado pelas tecnologias, que por sua vez condiciona nossas experiências e contribui para aumentar a competência tecnológica dos atores e a capacidade de interservação social. Nesse sentido, desenvolve o conceito de “código técnico”, para fazer valer a importância de interpretar os artefatos tecnológicos entre suas especificações técnicas e o seu significado, isto é, seus valores no contexto do mundo em que está inserido.

Para tal, o autor sustenta que a interpretação dos artefatos tecnológicos precisa ocorrer pelo diálogo com os especialistas, fazendo referência àqueles que têm o domínio técnico das tecnologias para, com isso, superar o dilema “leigo e especialista”, no sentido de que experiência e especialidade são complementares e não dicotômicas, e nessa dialética as tecnologias são verdadeiramente interpretadas (FEENBERG, 2018).

No mundo moderno, é acertado ultrapassar o entendimento utilitário das tecnologias, para questões como o tipo de mundo e a forma da vida que emerge numa sociedade tecnológica, o que nos remete à essência da filosofia da tecnologia.

Na medida em que a sociedade é tecnológica na sua base, as questões levantadas neste questionar mais profundo dizem respeito ao campo da filosofia da tecnologia. Precisamos de nos compreender a nós próprio, hoje em dia, no meio da tecnologia, mas o próprio conhecimento tecnológico não nos ajuda. A filosofia da tecnologia pertence à consciência que uma sociedade como a nossa tem de si própria. Ensina-nos a refletir sobre aquilo que assumimos como estando assegurado, especificamente a modernidade racional. A importância dessa perspectiva não pode ser sobrestimada (FEENBERG, 2018, p. 144).

Esse entendimento dialoga de perto com a proposição da cultura digital crítica, uma vez que eleva a importância dos valores sociais, das pessoas como interventoras e questionadoras das tecnologias que habitam o contemporâneo. De mais a mais, Feenberg (2018) recusa a posição determinista, segundo a qual a tecnologia é um destino pré-determinado e disso decorre a pertinência de analisar de maneira crítica o cardápio tecnológico atual.

A tecnologia que conhecemos e com a qual habitamos o nosso mundo não é um destino, mas antes uma guerra, uma permanente batalha social. A tecnologia é subdeterminada, implica escolhas. Logo, a verdadeira questão não é a tecnologia ou o progresso por si, mas sim a variedade de tecnologias e vias de progresso possíveis, entre as quais podemos fazer uma escolha. [...] o cidadão moderno é corresponsável pela tecnologia do futuro através dos mecanismos sociais de participação democrática ao nível da “micropolítica” das comunidades locais (FEENBERG, 2018, p. 9-10).

Para que possamos realizar essas escolhas tecnológicas, o autor propala a necessidade de ultrapassar as posições tradicionais de resignação e utopia das tecnologias, para, com isso, abrir uma via construtiva para o futuro ou o que ele denomina de teoria crítica da tecnologia, em que o universo tecnológico será em larga medida, resultado da atividades pública dos atores, ou ainda, o exercício da cidadania para a gestão social da tecnologia e para a democratização das sociedades tecnológicas (FEENBERG, 2018).

Portanto, a teoria crítica das tecnologias está em consonância com esse modesto ensaio da cultura digital crítica, quer seja pela apreensão de que o conjunto social, a humanidade, pode e deve intervir nessa discussão tecnológica, como também é possível apropriar-se dos debates que ocorrem nesse campo enquanto sujeitos politizados na dimensão das tecnologias, para que tenhamos condições de prover escolhas que possam auxiliar o progresso de nossa comunidade ou esfera pública em geral.

Para que haja uma tomada de consciência das tecnologias, seus usos, impactos e implicações na sociedade, a aposta está na educação como área de base para impulsionar tal mudança e prover a cultura digital crítica. Pelos espaços educativos, entre escolas e universidades, sujeitos envolvidos, entre professores e estudantes, as tecnologias ganham fôlego para serem debatidas e compreendidas em correlação com o mundo, e aquilo que é tácito se torna explícito e a cultura digital é acrescida de criticidade.

Sendo assim, é propício conhecer a miúdo as tecnologias atuais que nos abraçam, a exemplo da inteligência artificial, com a finalidade de entender seus impactos e alcance sobre as vidas e sobre o mundo. O que não significa dizer que devemos tornar-nos programadores de máquinas inteligentes, mas conhecedores dessa realidade, que justapõe nossas vidas e faz parte do nosso cotidiano em tarefas tidas como usuais.

Do mesmo modo ocorre com o fortalecimento da automação, que caminha a passos largos e interfere na estrutura econômica a nível mundial, quer seja pela reorganização dos modos de produção, quer seja pela criação de novas atividades de trabalho, como ainda suprimindo outras. Sem mencionar a computação quântica, os algoritmos inteligentes, as próximas gerações de redes móveis 5G e 6G, as gigantes corporações da internet, entre outros.

Nesse sentido, mais uma vez, é inegável a importância da educação como uma arena politizadora para essa consciência digital. Pela vivência educacional, os estudantes podem dispor da prerrogativa de conceber e distinguir os fundamentos envolvidos no contexto tecnológico, do mesmo modo, os professores se instituem como mediadores desse exercício filosófico.

Isso vai além de utilizar as tecnologias em sala de aula. Extrapola a incorporação dessas nos projetos escolares, pois não se trata do ferramental, mas pensar sobre esses recursos como elementos simbólicos numa sociedade, como bem argumenta Feenberg (2018, p. 231): “o conhecimento técnico é incompleto sem o contributo da experiência, que corrige seus lapsos e simplificações”.

Sendo assim, a cultura digital crítica se edifica pela ação das pessoas, pautada no agir reflexivo, que se materializa pela análise do cenário tecnológico e o uso das tecnologias como forma de compreender de que maneira esses recursos estão inter-relacionados com a sociedade e suas instituições. O nascedouro dessa ação reflexiva pode emergir dos bancos escolares, do cotidiano da escola e das universidades, é a educação como propulsora de uma cultura digital crítica.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As narrativas apresentadas, como ainda o posicionamento sobre a urgência de se propalar a cultura digital crítica, carrega o propósito de trazer à discussão a importância de integrar esse debate ao contexto educacional instituído, pois, desse modo, as práticas adotadas pelos estudantes nos seus processos de estudo-aprendizagem, no que se refere à utilização desses serviços on-line, poderão pautar-se por questionamentos, que podem emergir do interior das universidades, das salas de aulas, das aulas com os professores. Em decorrência desse exercício reflexivo, vislumbra-se a formação de estudantes mais politizados e letrados digitalmente.

Dessa forma, retomamos a importância de reverberar-se a cultura digital crítica, materializada pela análise filosófica e abrangente das tecnologias, com sustento na teoria crítica das tecnologias de Feenberg (2018). Nesse sentido, é substancial que a educação se institua como uma arena politizadora para desenvolver, nos estudantes, a consciência digital ante esses elementos simbólicos na sociedade e que afetam, diretamente e indiretamente, a sua vida e formação acadêmica.

Esse pequeno ensaio, ainda que lacônico, é justamente para fazer pensar sobre a cultura contemporânea. Nesse sentido, figura-se também como um exercício filosófico diante do que fora estudado no decorrer da pesquisa de doutorado em educação. Sem a pretensão de inaugurar novos termos, ou proferir novas verdades, a cultura digital crítica aqui manifestada, externa alguns pensares, que seguramente carecem de maturidade epistemológica, mas não deixam de ser um prelúdio para pressupor e reflexionar sobre os novos horizontes que se abrem no nexa da cultura digital.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia**: um convite. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

EAGLETON, T. **The idea of culture**. [s.l.] John Wiley & Sons, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4929921/mod_resource/content/1/Terry%20Eagleton-The%20Idea%20of%20Culture-Wiley-Blackwell%20%282000%29.pdf Acesso em: 05 nov. 2020.

FEENBERG, A. **Tecnologia, modernidade e democracia**. Tradução de Eduardo Beira. Lisboa: Inovatec, 2018.

GERE, C. **Digital Culture**. 2 ed. Estados Unidos da América: Chicago University, 2008.

LEMONS, A. **Cibercultura** – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, P. **A esfera semântica**: computação, cognição, economia da informação (tomo 1). 1. ed. São Paulo: Annablume, 2014.

LIPOVETSKY, G. **A sociedade da decepção**. Barueri, SP: Manole, 2007.

MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli e o Homo eroticus pós-moderno: "Voltamos ao que o racionalismo moderno eliminou". [Entrevista concedida a] José Castello. **Fronteiras do Pensamento**. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/michel-maffesoli-e-o-homo-eroticus-pos-moderno-voltamos-ao-que-o-racionalismo-moderno-eliminou>. Acesso em: 05. jan. 2019.

MOROZOV, E. **Big Tech** – a ascensão dos dados e a morte da política. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

POSTMAN, N. **Technopoly**: The Surrender of Culture to Technology. Vintage Books. New York: 1993. Disponível em: https://archive.org/details/technopolysurren00post_0. Acesso em: 10 nov. 2020.

SERRES, M. **Tempo de crise**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.